

NARRADORES-COLECIONADORES DE ROBERTO CARLOS: DISPUTAS E USOS DA MEMÓRIA DO "REI".

EDMILSON ALVES MAIA JÚNIOR¹

RESUMO

O artigo discute a memória de fãs que "militam" em favor do trabalho do cantor Roberto Carlos a partir das coleções de objetos. Nós interpretamos as trajetórias de alguns colecionadores de todo o Brasil para entender por que se dedicaram a narrar sua vida e obra, com suas coleções. Estudamos as conversas com os fãs que durante décadas fizeram coleta de materiais (discos, fotografias, CDs, jornais, revistas, etc) na criação de "memórias militantes" sobre o artista através de sites, memoriais, coleções e arquivos. Os colecionadores são pensados como protagonistas do mito do "Rei" Roberto Carlos através dos processos que fizeram na identificação, deslocamento, e as classificações de "reliquias" ligadas ao seu "rei" legítimo "rei".

Palavras-chave: Narradores-colecionadores, Memória, “Rei Roberto Carlos”.

ABSTRACT

The article discusses memory of fans that "militate" in favor of the work of singer Roberto Carlos from the collections of objects. We interpret the trajectories of some collectors from all over Brazil to understand why dedicated themselves to narrate his life and work, with their collections. We studied conversations with fans that for decades made gathering materials (discs, pictures, CDs, newspapers, magazines, etc.) in creation of "militant memories" about the artist through sites, memorials, collections and archives. The collectors are thought as protagonists of the myth of the "King" Roberto Carlos through the processes that made in identification, displacement, and ratings of "relics" linked to his "King" rightful "king."

Keywords: Narrators-collectors, Memory, “King Roberto Carlos”.

APRESENTAÇÃO

A primeira vez que esbocei uma análise sobre o cantor Roberto Carlos imaginava investigar a sua obra. No entanto no decorrer da pesquisa por materiais sobre o artista entrei em contato com diversos “coleccionadores de Roberto Carlos”. Admiradores do Ceará, e de outros estados, que montaram coleções com

¹Professor do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará em Quixadá e Doutorando do Programa de Pós-Graduação História da Universidade Federal de Minas Gerais.

milhares de objetos sobre seu “Rei”²; que disponibilizaram vídeos e outros materiais na Internet; ou que fizeram/fazem (e acompanharam) Programas de Rádio; ou que estabeleceram uma rede de discussões sobre sua obra e sua figura, ou que precisam/precisaram ir até Cachoeiro de Itapemirim-ES, cidade natal do cantor, em peregrinação. Sujeitos que criaram sentidos para as canções e imagens do artista na medida em que utilizaram a memória como forma de veiculação pública dos efeitos da figura de Roberto Carlos em suas vidas. Colecionadores cujas trajetórias remetem a historicidade da “crença no valor da obra” do “Rei Roberto Carlos” e que possuem milhares de fontes desse processo (jornais, fotografias, revistas, filmes, programas de TV, Shows etc.). Donos de acervos que com o domínio desses materiais sobre o “Rei” utilizaram esse processo da criação da “crença no valor da obra”³ a seu favor gerando legitimações simbólicas e sociais para si próprios.

Com o tempo, portanto, fui tateando o universo de colecionadores e suas coleções vastíssimas sobre o “Rei” e entrei em contato com verdadeiros guardiões dessas fontes num frenesi constante em preservar e, em muitos casos, divulgarem memórias sobre o artista da forma que pudessem já algumas décadas. Fui percebendo que no estudo das tramas que constituíram a produção do artista, impunha-se outra análise que não poderia deixar de ser feita: a análise dos procedimentos de construção de memórias sobre o cantor. Não se tratava somente de interpretar evidências da constituição da sua obra, mas também como as fontes eram armazenadas criando sentidos sobre o papel de Roberto Carlos na vida das pessoas e na sociedade brasileira. E assim fui estabelecendo um debate dessas “memórias militantes” promovidas por colecionadores em torno do mito do “Rei” Roberto Carlos⁴. Seguiu as reflexões levantadas por Jacques Le Goff percebendo que as coleções sobre Roberto Carlos deveriam ser objeto de investigação para não se aceitar sua monumentalização:

“(...) O documento não é inócuo. É antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também

² Roberto Carlos foi coroado “Rei da Juventude” no Programa do Chacrinha em 1966 – e sua mãe, a futura “Lady Laura”, lhe colocou a coroa. Depois de um desgaste de sua imagem em 1967-1968, o autor reconfigurou sua carreira, e com as altas vendas de seus discos e a maciça exibição de suas canções “maturas”, a partir do início dos anos 1970 virou simplesmente “Rei” – processo amplificado e reelaborado com a sua entrada na Globo em 1974 para fazer os Especiais de Fim de Ano que permanecem até hoje.

³ “O produtor do *valor da obra de arte não é o artista*, mas o campo de produção enquanto universo de crença que produz o valor da obra de arte como *fetichê* ao produzir a crença no poder criador do artista. Sendo dado que a obra de arte só existe enquanto objeto simbólico dotado de valor se é conhecida e reconhecida, ou seja, socialmente instituída como obra de arte por espectadores dotados da disposição e da competência estéticas necessárias para a conhecer e a reconhecer como tal, a ciência das obras de arte tem por objeto não apenas a produção material da obra, mas também a produção do valor da obra ou, o que dá no mesmo, da crença no valor da obra. Ela deve levar em conta, portanto não apenas os produtores diretos da obra em sua materialidade (artista, escritor etc.), mas também o conjunto dos agentes e das instituições que participam da produção do valor da obra através da produção da crença no valor da obra da arte em geral e no valor distintivo de determinada obra de arte” (BOURDIEU, 1996: 259)

⁴ Venho usando uma definição de mito que ajuda a pensar processos de ampliação, interlocução, compartilhamento, interação das narrativas dos colecionadores com o mito do Rei Roberto Carlos. Tento sempre compreender como se interagiu com o mito em uma dada narrativa sobre ele: “um mito não é necessariamente uma história falsa ou inventada; é, isso sim, uma história que se torna significativa na medida em que amplia o significado de um acontecimento individual (factual ou não), transformando-o na formalização simbólica e narrativa das auto-representações partilhadas por uma cultura.” (PORTELLI, 2005: 121)

das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou sendo manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para provocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo documento é mentira.(...)É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar essa construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos.” (LE GOFF, 1995: 547 -548)

Neste sentido os donos dessas coleções têm muito a dizer ao falarem de suas histórias e objetos. Quando narram sobre o mito de seu “Rei”, sobre como aderiram a ele e como o celebram em suas coleções uma vez que “os objetos materiais circulam permanentemente na vida social, importa acompanhar descritiva e analiticamente seus deslocamentos e suas transformações (ou reclassificações) através dos diversos contextos sociais e simbólicos”. Tendo em vista que seguir o “deslocamento dos objetos ao longo das fronteiras que delimitam esses contextos é em grande parte entender a própria dinâmica da vida social e cultural, seus conflitos, ambigüidades e paradoxos, assim como seus efeitos na subjetividade individual e coletiva” (GONÇALVES, 2007:15)

Aspectos que podemos observar através da análise das narrativas desses colecionadores⁵. Como no caso da entrevista de uma das maiores colecionadoras da obra do artista no mundo: Vera Marchisiello⁶. Em um pequeno recorte da sua entrevista de duas horas temos vários pontos instigantes para se pensar através de uma narrativa de um “coleccionador de Roberto Carlos” os porquês e comos do “deslocamento dos objetos” do “Rei” e de “seus efeitos na subjetividade individual e coletiva”:

“Hoje em dia eu sou obrigada a dizer que eu gostaria de um pouco mais de novidades, porque hoje em dia obviamente, e isso eu estou falando pode ser considerado em nome de todos os fãs. Não tem um disco de inéditas há muito tempo, esse ano não vai ter especial! Vai ter repeteço do show que foi exibido em setembro... Ora quem não viu porque não quis, porque foi muito anunciado e hoje todo mundo tem o recurso de gravar. Tem TV por assinatura HDTV, dava pra ver. Agora a Globo pegar e repetir e ainda vai lançar o DVD! Então hoje em dia eu reclamo, hoje em dia eu queria que ele andasse um pouco mais depressa, isto é, oferecesse mais material, porque está muito parado. Você vai ao show, mas você voltou pra casa acabou, você fica com a lembrança, não pode rever, não é? É disso que a gente reclama... O que a gente tem é o que te mostrei logo quando você chegou: são os DVDs.. Hoje em dia a maior riqueza que se tem são os DVDs de Roberto em todas as épocas, material de televisão, porque ele mesmo quase

⁵Analisamos as falas dos colecionadores tendo em vista as reflexões de Paul Ricoeur sobre tempo e narrativa: “O desafio último tanto da identidade estrutural da função narrativa é o caráter temporal da existência humana. O mundo exibido por qualquer obra narrativa é sempre um mundo temporal. (...) O tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em compensação a narrativa é significativa na medida em que esboça traços da experiência temporal.” (RICOEUR, 1994: p15)

⁶VERA MARCHISIELLO. É definida como a maior colecionadora da obra de Roberto Carlos no Brasil. Mora em Niterói-RJ. Formada em Direito e Comunicação Social pela UFF. Entrevista realizada dia 19 de Novembro de 2011 em Niterói-RJ. Coordena, com o reconhecimento público de Roberto Carlos, o “fã-clube oficial do artista”: o GUMARC (Grupo de Um Milhão de Amigos de Roberto Carlos) que reúne e recebe material de inúmeros fãs espalhados pelo mundo. Soube de Vera Marchisiello através da Revista Emoções em que temos uma reportagem sobre o GUMARC, definido como um “centro de divulgação da carreira e da obra de Roberto Carlos”. A história do grupo liga-se a sua coleção pessoal iniciada quando criança nos anos 1960 e que resolveu disponibilizar numa exposição em 1991. Nesse ano, seu acervo foi apresentado num Programa da TV Globo de aniversário dos 50 anos de vida do cantor. A repórter ao ver a coleção exclamou: “É um santuário!”

não lança! Os artistas lançam a toda hora, embora não seja um produto que dá retorno financeiro, mas os artistas lançam exatamente como registro de carreira. E o Roberto não lança... Então a gente sofre muito.”

A fala da entrevistada remete ao papel da mitologia do “Rei” nas coleções dos fãs tendo em vista uma interpretação da “própria dinâmica da vida social e cultural, seus conflitos, ambigüidades e paradoxos”. E assim indica uma teia de relações entre Sociedade-Artista-Indústria Cultural-Colecionadores para que se possa entender melhor a adesão a um “Rei” em meio aos processos de ritualização em torno de sua figura durante o período de expansão brutal da mídia e telecomunicações e em que o imaginário brasileiro estava em plena ebulição e transformação⁷. Percebo através do trecho: 1) a autoridade obtida (e imaginada) pela entrevistada junto ao artista, a mídia e a outros fãs; 2) sua percepção temporal do mito Roberto Carlos com a constituição do tempo por intrigas⁸ tecidas em diferentes narrativas e da narrativa como condição temporal, quando ela avalia a carreira do artista e faz um balanço fornecendo pistas sobre as intrincadas relações entre tempo, memórias e narrativas; 3) a sua ligação, ressaltada em vários momentos de sua entrevista, com a Indústria Cultural e com os meios de comunicação, algo presente nas narrativas dos colecionadores que vivenciaram tais fenômenos e criaram expectativas e experiências com tais dimensões; 4) o uso de coleções como uma forma de ressignificação do fenômeno Roberto Carlos, sendo que Vera Marchisiello em sua entrevista enfatizou várias vezes sua coleção de imagens e aparições do artista na TV e no cinema nas diferentes épocas desde 1959 – recortes editados e compilados em centenas de DVDs armazenados e que ela realçou durante a minha permanência em sua casa em distintos momentos.

⁷ “Os bens simbólicos, que qualquer sociedade fabrica, nada tem de irrisório e não existem, efetivamente, em quantidade ilimitada. Alguns deles são particularmente raros e preciosos. A prova disso é que constituem o objeto de lutas e conflitos encarniçados e que qualquer poder impõe uma hierarquia entre eles, procurando monopolizar certas categorias de símbolos e controlar outras. Os dispositivos de repressão que os poderes constituídos põem de pé, a fim de preservarem o lugar privilegiado que a si próprios se atribuem no campo simbólico, provam, se necessário fosse, o caráter decerto imaginário, mas de modo algum ilusório, dos bens assim protegidos, tais como os emblemas do poder, os monumentos erigidos em sua glória, o carisma do chefe, etc.” (BACZKO, 1985). Penso ainda na reflexão do autor de que momentos de crise, intensas transformações, como a Revolução Francesa, ou a instalação da ditadura de Stálin, são salutares para a mudança e tentativas de estabelecimentos de símbolos e mitos no imaginário social. Manipulações e conflitos tornam-se ainda mais prementes uma vez que os próprios sistemas e monopólicos simbólicos estão sendo disputados. Poderíamos pensar o contexto dos anos 1960 e 1970 no Brasil como um contexto desse tipo? A passeata contra a guitarra elétrica, a criação da MPB em contraponto sucessivo a uma “popularização” da música com as canções primeiro de Roberto Carlos e a Jovem Guarda, depois com a chamada musica brega que também se estabeleciam como protagonistas de suas épocas, as disputas por um “rei da juventude”, fazendo-se sempre na mídia o paralelo com o rei do rock Elvis Presley nos EUA, depois a “oficialização” progressiva de um “rei da musica brasileira”, muitas vezes questionado pela dita MPB, e seus defensores os críticos e setores intelectualizados, e mesmo pelo mercado que constantemente elegia inimigos e ameaças ao domínio do “Rei”, (isso para ficarmos apenas no território da música, sem detalhar, por exemplo, as novelas e tudo que cerca a Rede Globo – talvez a grande vencedora do monopólio dos bens simbólicos do período). Tudo isso não indica uma aguda e complexa teia de disputas e posicionamentos simbólicos e políticos em meio a avassaladora expansão do mercado de bens culturais promovida dentro da modernização conservadora da ditadura? Roberto Carlos não seria um dos principais protagonistas dessa arena? E seus fãs, fieis escudeiros e também jogadores dos símbolos disponibilizados pela sua produção?

⁸ “O tempo vivido ganha forma na intriga. Depois tanto a intriga orienta o vivido como o vivido transforma a intriga. O vivido torna-se mais humano quando narrado, pois se reconhece: na narrativa, os homens delineiam a sua imagem, constroem a sua identidade”. (REIS, 2011: 291)

Desta forma, a análise da narrativa de Vera Marchisiello nos permite, assim como a de outros colecionadores do artista, nos situar entre as fronteiras da memória e da história, indivíduo e sociedade, entre distintas temporalidades, entre objetos e narrativas; entre mito e interpretações. Possibilita debater um processo de criação e manutenção de um “Rei” que precisava, segundo o ponto de vista desses colecionadores, ser referenciado com a preservação de suas “reliquias” referentes a seus dramas e seus sucessos, com a coleta e guarda de objetos, imagens, revistas e programas comemorativos referentes a marcos de sua inatacável carreira e sua fantástica vida. Um mito que foi seguido por colecionadores décadas afora e teve a sua trajetória de sucesso, com obstáculos e conquistas impressionantes, narrada em coleções que foram montadas como forma de se mostrar agradecimento e se dar sentido as próprias vidas.

O texto que segue tentou trazer elementos e mecanismos das narrativas de colecionadores do “Rei” Roberto Carlos como fiz agora com Vera Marchisiello. E tentou precisamente vislumbrar as narrativas desses “coleccionadores de Roberto Carlos” para a compreensão de suas subjetividades e das forças de tais narrativas para se perceber características e dimensões do mito e do imaginário compartilhado por esses fãs.

OS ENCONTROS COM OS NARRADORES-COLECIONADORES DE ROBERTO CARLOS

Verena Alberti apresenta em “Ouvir Contar” o quanto pode ser útil compreender a metodologia da história oral como possibilidade “bastante adequada para o estudo de história das memórias, isto é, de representações do passado” uma vez que “estudar essa história é estudar o trabalho de constituição e de formalizações das memórias, continuamente negociadas” (ALBERTI, 2004:27). E é neste sentido que as narrativas de colecionadores do cantor são aqui apresentadas: como forma de se perceber que “conceber o passado não é apenas selá-lo sob determinado significado, construir para ele uma interpretação; conceber o passado é também negociar e disputar significados e desencadear ações” (ALBERTI, 34-36). Para se pensar tal “trabalho factual da memória”, investigando-a não apenas como “significado”, mas também como “acontecimento, ação” é que debato as trajetórias desses colecionadores que narram, gerando novas ações portanto, sobre a constituição de “memórias militantes” em favor de seu “rei”.

Temos aqui sete dessas narrativas em plena “ação” analisadas em linhas gerais: Fabiano Cavalcante, Ocenilda Santana (entrevista por MSN/e-mail), Adriano Thales, Vera Marchisiello, Francisco Gadelha, Odival Monteiro e Gersy Volpato. Nessas entrevistas, em que todos se referiram as suas coleções, vemos claramente a necessidade de debate-los como “narradores-colecionadores” em que suas relações com objetos da vida e obra de seu “rei” tornam-se elementos de sua narrativa sobre suas vivências em torno do mito de Roberto Carlos. Todos esses colecionadores narraram a partir de uma auto-compreensão de que são importantes a

ponto de serem entrevistados porque possuem objetos de um “Rei”, porque se dedicaram há anos a tarefa de coletar produtos sobre ele e porque fizeram de suas casas espaços de celebração de sua carreira e vida. Narram tendo em vista tudo que armazenaram durante anos e porque sabem vários fatos da trajetória do artista e porque se transformaram, a partir do domínio desses materiais, em uma espécie de memorialistas do cantor.

Narrativas e objetos de suas coleções se retroalimentam numa curiosa performance a ser analisada:

“Considerando a versão oferecida pelo narrador, a história oral de vida pode revelar ou ocultar casos situações e pessoas. O oralista, ao falar o menos possível e “performatizar” uma postura atenciosa que estimule o diálogo com seu colaborador, acaba por ampliar seu campo sensorial, valorizando, no momento empírico da entrevista, os espaços, objetos e ações que a constituem. O estudo dos objetos biográficos enquanto catalisadores das performances narrativas desenvolvidas no tempo presente apontam novos horizontes para a produção de histórias de vida resultantes de encontros entre narradores e oralistas.”
(ALMEIDA, 2007:108)

Meu encontro com Gersy Volpato⁹ em Cachoeiro de Itapemirim demonstrou claramente essa relação entre narrativas e “objetos biográficos” de seu “Rei” por parte desses “colecionadores de Roberto Carlos”. Até mesmo por conta da situação de se encontrar adentrando a sua casa cheia de objetos dedicados a memória de sua família e a memória intensa acerca de sua relação com o seu mito maior Roberto Carlos. Em sua casa em Cobiça, um distrito no pé de uma das serras de Cachoeiro de Itapemirim, Gersy Volpato narrou apresentando a todo instante a sua coleção sobre o cantor. Mostrou o primeiro rádio em que ouviu a voz do artista em 1950. Momento em que chamou a família inteira pra dizer: *“olha gente, como canta esse menino”*. Dali em diante a ida todos os domingos para Cachoeiro de Itapemirim, com a irmã, com quem durante anos montou a coleção dedicada ao artista. As chamadas “irmãs Volpato”, como são conhecidas pelos fãs de Roberto Carlos, faziam uma caminhada de duas horas a pé, para ver o menino Roberto Carlos de 9 anos cantar na Radio Cachoeiro. Gersy Volpato mostrou inúmeras fotos e objetos dos encontros com Roberto Carlos ao longo das décadas: fotos, ingressos, jornais de sua vinda a Cachoeiro em 1963, 1967, 1987, 2009 etc. Narrou, fazendo o movimento com a mão simulando uma carícia, que o que sente mais saudade e mais se lembra é da sua *“mão no cabelo do garotinho Roberto Carlos”*.

Assim, Gersy Volpato e os outros “narradores-colecionadores” apontaram em suas narrativas como lidaram com a obra de Roberto Carlos em suas vidas através de suas coleções não fazendo sentido a ideia de que são “robôs” a serviço do mercado e da Indústria Cultural. Os próprios atos de narrarem já indicam a

⁹ GERSY VOLPATO. 82 anos. Reside em um sítio em Cobiça – Distrito de Cachoeiro de Itapemirim-ES. Em sua “casa colonial” temos a coleção dedicada a Roberto Carlos. Dona Gersy é apontada por colecionadores, jornais revistas comemorativas como a primeira fã do artista. Acompanha a carreira do cantor desde 1950 na sua primeira apresentação na Radio Cachoeiro em Cachoeiro de Itapemirim aos nove anos de idade. Quando o cantor foi para o Rio de Janeiro aos 15 anos, em 1956, ela e a irmã, já falecida há quatro anos, continuaram a ir a programas e shows do artista, tanto na ex-capital brasileira, quanto em Cachoeiro de Itapemirim quando o artista voltava a fazer shows na cidade natal. Entrevista realizada em 20/04/2013 em Cachoeiro de Itapemirim-ES.

possibilidade de ouvir como reconfiguram/reconfiguraram o que absorveram da obra e imagem do artista. Suas histórias de vida apontam principalmente para a reflexão de que através da imagem de Roberto Carlos eles se enxergaram e se inseriram ativamente, a sua maneira, e com dadas limitações, no processo da construção do mito.

Neste sentido é que analiso outra entrevista realizada com um membro desse “grupo homogêneo” de colecionadores de Roberto Carlos, mas que não perderam suas intencionalidades/individualidades¹⁰: Fabiano Cavalcante.¹¹ Ele, além de narrar sua trajetória de colecionador, também forneceu nomes de outros fãs para a pesquisa. Tanto listou nome de pessoas próximas a ele, colecionados nas últimas décadas, como também sugeriu outros fãs que não são próximos a ele e com os quais teve conflitos. Apesar das divergências estabelecidas, os chamou de “*fundamentais quando se fala numa pesquisa sobre fãs de Roberto Carlos*”. Momento para destacar outro ponto marcante da entrevista quando Fabiano Cavalcante falou da sua luta em ajudar a criar o site “O rei”, o primeiro da internet sobre o cantor, e que com o lançamento do site oficial de Roberto Carlos depois foi proibido por determinação judicial – o que indica já os dilemas envolvendo a memória do artista, tema constante nas narrativas dos colecionadores. Sobre quem fez a campanha contra o site não quis entrar em detalhes só dizendo que “*foi um negócio muito feio e o melhor é deixar pra lá*”. As possíveis disputas entre os colecionadores, assim, se fez presente na narrativa, e sua intensidade ainda é destacada pela ressalva do “*deixar para lá*”. Ressalva sobre disputas que esteve ainda na sua narrativa no momento que ele mesmo identifica como o “*nascimento do fã-colecionador*”: o ano de 1987 quando decidiu a partir dali montar uma coleção sobre Roberto Carlos e quando tentou estabelecer um fã-clubes sobre o artista e que acabou não vingando, pois “*esse negócio de fã-clubes não acabou bem*”.

Merece destaque em outra perspectiva a sua fala de que “*Roberto Carlos era a Xuxa da minha geração e que, como muita gente, comecei a gostar das músicas mais animadas logo na infância, músicas tipo Calhambeque e tal*” e falou ainda da passagem para apreciação do viés romântico das canções quando passou a dar “*letras de músicas para as primeiras namoradas*”. Narrou em detalhes à presença constante das músicas na casa onde sempre morou no Bairro Aerolândia e em que ainda criança viu as festas promovidas pela sua

¹⁰ Cabe destacar a interlocução com o estudo de Rosana da Câmara Teixeira acerca dos fãs do cantor Raul Seixas. No dialogo com suas discussões temos uma maior solidificação de minhas problematizações das relações entre individuo e sociedade; memória e historia; singularidades e generalizações: “Nesse estudo, a admiração está sendo pensada como um fenômeno social revelador de processos de construção de subjetividades e formas de sociabilidade características da sociedade contemporânea que explicam certas concepções sobre individuo/sociedade; passado/presente; memoria/biografia, biografia e contexto; experiências autênticas/inautênticas. Objetiva-se, pois, compreender como as ações de indivíduos diferentes se influenciam reciprocamente e como praticas sociais definem individualidades e, ao mesmo tempo, grupos homogêneos.” (TEIXEIRA, 2008: 30)

¹¹ CARLOS FABIANO CARDOSO CAVALCANTE. Produz programas de rádio sobre o artista desde os anos 1990 e mantém um site com notícias sobre Roberto Carlos. Colecionador desde 1987. Apresenta o Programa de Rádio “Encontro com o Rei” em Fortaleza-CE. Executivo de uma rede de Supermercados. Entrevista dia 26/06/2009 em Fortaleza-CE. A entrevista foi realizada em sua residência, onde entrei em contato com seu Acervo. Ela foi minha primeira entrevista com um colecionador.

família e amigos nos anos 1970. Festas durante todos os dias dos fins de semanas embaladas pelos discos do artista. Quando se ouvia “o vinil de final de ano” que de “tanto ser pegue de um lado pro outro ficava arranhado e tinha quer logo substituído por outro para a diversão não parar”. Narrou quando montou uma loja especializada em Roberto Carlos no Centro de Fortaleza nos anos 1990 que funcionou como lugar de encontro de fãs apreciando a obra do artista. Relatou como “uns dos dias mais tristes de sua vida”, que, “não gosta nem de lembrar”, quando teve que dizer aos clientes e amigos que iria fechar o estabelecimento depois de quatro anos: “eu nunca mais nem passei nem naquele pedaço da cidade para você ter uma idéia”.

Desta forma, em sua narrativa, bem articulada, com começo, meio e fim, temos ritos de passagem e atividades estabelecidas cronologicamente, mas principalmente, entrelaçadas pelo tema da “militância” constante no espaço público, destacam-se bem esses traços de uma atividade constante desde 1987 e que é mesmo diária no sentido de se ligar a obra do artista e divulgá-la. Ao lhe contar que proponho a ideia de que os colecionadores de Roberto Carlos eram verdadeiros “fãs-militantes” da memória na constituição de uma rede de divulgação como súditos ativos ele sorriu e exclamou: “É verdade, isso aí é muito massa, estou me sentido agora um sargento do rei”. Ou seja: podemos debater que Fabiano Cavalcante, assim como Vera Marchisiello, têm uma versão pronta sobre si e suas militâncias como colecionadores e divulgadores da obra do artista sendo suas narrativas bem pontuadas por essa dada “ação” de constituir memória sobre o papel de suas coleções e atividades para seu “Rei”. Ao narrarem sobre si e Roberto Carlos reafirmam seus papéis enquanto, na minha ótica, “militantes da memória real”.

O nome de Ocenilda Santana¹² foi indicado, por sua vez, por seu amigo Fabiano Cavalcante e permite mais debates sobre essas militâncias pela memória, como assim venho chamando as trajetórias desses colecionadores. A entrevistada em questão era, em 2009, uma ouvinte do programa de Rádio de Fabiano Cavalcante sobre Roberto Carlos. Ocenilda Santana participava do programa por “MSN” direto da Bélgica, onde é professora universitária e onde reside desde 1994. Fiz o contato com ela por e-mail e MSN, sendo que o trecho logo a seguir veio de um longo texto em que respondeu questões sobre sua relação de fã do artista. Ocenilda Santana “narrou” em mais de 15 páginas: os primeiros contatos com a figura do artista; fatos marcantes com o artista, seus encontros com ele na região Nordeste e depois na Europa, a emoção dos filmes que viu, programas de TV, a tristeza em perder sua coleção, iniciada na década de 1960, numa enchente nos anos 1980 – coleção prontamente reiniciada e que permanecesse crescendo desde então. Ocenilda Santana no trecho a seguir, logo após relatar aspectos de sua história de vida, escreveu como começou a gostar de Roberto Carlos na infância durante os anos 1960:

¹² OCENILDA SANTANA DE SOUSA. Colecionadora do cantor desde a época da Jovem Guarda nos anos de 1965/1967. Mora na cidade de Verviers na Bélgica. Professora e tradutora. Entrevista recebida por e-mail no dia 22-09-2009, e enviada dia 28-07-2009.

“A minha relação com o Rei começou em 1965, quando eu tinha 5 anos e ainda morava em Aracaju-SE. Poucas pessoas tinham televisão naquela época e eu só conhecia o Rei através do rádio. Adorava ouvi-lo cantando “A namoradinha de um amigo meu” e “Quero que vá tudo pro inferno” que eram os grandes sucessos da época. Só em 1968, quando tinha 8 anos e já morando em Feira de Santana-BA, meu pai comprou uma TV em preto e branco e foi então que eu vi pela primeira vez a imagem do Rei. Todos os domingos passava o Programa Jovem Guarda e aí então nunca mais parei de acompanhar a vida e a carreira do Rei. Foi uma tristeza para mim, quando o Rei deixou a Jovem Guarda e que, um ano depois, este Programa teve fim.”

Nas entrevistas de Vera Marchisiello, Fabiano Cavalcante e Ocenilda Santana transparece a figura de Roberto Carlos como um mito a partir da Indústria Cultural do Brasil nos anos 1960, 1970 e 1980¹³. Um mito criado nesse período e que precisa ser interpretado e que tem nas narrativas dos colecionadores pontos de análises interessantes para a sua constituição e sua adesão. Mito e narrativas dos colecionadores se alimentaram mutuamente, uma vez que nas narrativas temos elementos a serem interpretados no sentido de como esses fãs valorizaram o artista e a própria indústria cultural. Está em jogo o entendimento de como os colecionadores ligaram-se a expansão do mercado dos bens simbólicos e dos meios de comunicação e como a traduziram e a simbolizaram, algo que continuam a fazer em suas narrativas. Como aparece na fala de Ocenilda Santana que num pequeno trecho destaca sua vivência (e faz sua própria leitura) de momentos míticos da carreira do artista: a explosão de sucesso de “Quero Que Vá Tudo Pro Inferno” em 1965; o sucesso avassalador do Programa da Jovem Guarda entre 1965-1967; o “*Rei ao vivo e a cores*” em filmes que foram verdadeiras “coqueluches nacionais” na virada dos anos 1960 para os anos 1970.

Neste sentido destaco mais uma trajetória de fã que lida diariamente com a memória sobre Roberto Carlos através da montagem de coleções sobre o artista. Conheci Adriano Thales através de Fabiano Cavalcante e ambos se consideram parceiros na divulgação da obra de Roberto Carlos. Cheguei em sua casa em Tauá-CE, na sexta-feira para passar o fim de semana. Durante minha estada Adriano Thales apresentou em variados formatos de reprodução de áudio diversas músicas de Roberto Carlos, em especial as lançadas em discos internacionais aquelas que ele mais admira. Na entrevista, de cinco horas de duração, realizada no domingo quando estava de folga do trabalho, falou do início de sua relação com Roberto Carlos. Foi no período da separação dos pais em 1980 com a audição do disco de Roberto Carlos lançado em dezembro de 1979. Narrou que preencheu a saudade que sentia do pai ouvindo a música, composta por Roberto e Erasmo Carlos, “Meu Querido, Meu Velho, Meu Amigo”.¹⁴ Depois, ao rever e contar a história da música para o pai, este o levou a

¹³ A narrativa de Gersy Volpato está marcada também pela fabricação do mito nesse período, mas sua narrativa tem a especificidade de ser da “primeiríssima fã do cantor” – aquela que o acompanha desde muito antes da fama quando ele ainda era uma criança desconhecida e distante do artista mitificado que se tornaria. Nos anos 1950 a fã Gersy, com sua irmã, lembramos, já acompanhavam o menino em shows e apresentações na pequena Cachoeiro de Itapemirim.

¹⁴ ADRIANO THALES VALDEVINO DE SOUZA. Colecionador da obra de Roberto Carlos. Gerente de Consórcio de veículos. Sua residência fixa e sua coleção localizam-se em Petrolina-PE. Participou do “Globo Repórter Especial” sobre os “50 anos de Música”. Contou-me que chegaram até ele através da assessoria de Roberto Carlos que indicou quatro colecionadores “exemplares”. Ele foi o escolhido para participar como “fã-colecionador” do programa em que narrou também a importância de “Meu Querido,

uma loja de discos e disse que podia pegar qualquer um de Roberto Carlos. Perguntando quais discos tinham, ouviu: *“aqueles todos ali servem?”* com o vendedor apontando para uma infinidade de vinis de Roberto Carlos. Seu Artur respondeu: *“Vamos levar todos!”*. E assim nasceu sua coleção sobre o seu “Rei”.

Ao falar de sua Coleção mostrou ainda materiais obtidos pela internet e que chegaram pelo correio. Caso de um exemplar da revista Intervalo dos anos 1960. Disse como montou o acervo frisando que já recebeu doações em várias cidades em que pessoas mais velhas ou descendentes lhe vendem ou cedem objetos *“para que fiquem bem guardados”* com ele. Recebe telefonemas e vai até casas conseguindo *“verdadeiras pérolas”*. Disse ainda haver uma rede entre os colecionadores que ultrapassa os limites do Brasil havendo troca de objetos repetidos com a *“internet facilitando esse contato entre os fãs”*. Por isso *“cada colecionador sabe o que o outro tem e não tem”*, ou seja, *“o que ainda falta”*.

Neste sentido, as narrativas dos colecionadores sobre seus objetos apontam para a necessidade de *“estabelecer o que é significativo para uma dada sociedade, quais os objetos que privilegia e quais são os comportamentos que estes objetos impõem aos colecionadores”* (POMIAN, 1984:75) Pesquisar os *“coleccionadores de Roberto Carlos”* é entender a historicidade do mito do “Rei”, dimensões e mecanismos essenciais do poder de sua narrativa, mas é, também, sobretudo, compreender quais e de que forma novas narrativas e usos do mito foram engendrados. Observar tal interação entre o processo de fabricação de um mito com dadas características e o processo dos colecionadores de aderirem ao “Rei” (e mais que isso passar a fazer coleções como forma de reverencia-lo e narrar sua vida) é justamente o mais rico de se observar nas narrativas. De um lado os colecionadores aderiram ao que é *“significativo”* de uma dada forma e com dados interesses em sua sociedade, doutro eles formularam usos desse mito e falam também de si num claro *“ato autobiográfico”* (MENESES, 1998, 92) e em busca de legitimarem suas trajetórias. De um lado promovem uma corrida solitária para montarem a sua coleção, do outro sabem bem o que faltam não só na sua coleção mas também em todas as outras que são relevantes. Nas suas narrativas novamente reinventam a *sua* adesão ao mito, como fez Adriano Thales, e reforçam o valor de suas coleções diante um ambiente mais amplo procurando reafirmar sua própria legitimidade como verdadeiros colecionadores do seu “Rei”. Não a toa Adriano Thales chega a falar que é *“um colecionador verdadeiro, eu não sou aquele cara que vive do artista ou da banda, da pessoa, eu sou aquele colecionador serio mesmo que investe mesmo assim a trajetória, a vida artística, a carreira do artista, então eu sou aquele colecionador, como é que se diz, original”* (Grifos meus). Está em jogo reafirmar uma verdadeira militância da memória que articula e dá um sentido singular as vivências do mito produzido no seio da indústria cultural.

Meu velho Meu amigo” e mostrou objetos da sua coleção. Entrevista realizada dia 30/08/2009 em Tauá-CE onde trabalhava para sustentar melhor a família e a coleção.

Como vejo na já citada entrevista de Vera Marchisiello, em Niterói-RJ sobre o seu contato inicial com os produtos e vivências em torno de um “Rei”. Logo no início de sua entrevista ela nos contou da infância e do contato inicial com Roberto Carlos em meados dos anos 1960:

“Tudo na minha vida, como eu digo, não é coincidência e sim “Deusdência”... Eu era filha de militar. Filha única. Minha casa muito cheia de menininhos e meninas, tinha muito brinquedo, balanço, escorrega. Era uma casa muito festiva. Mas na minha casa era também de muita música clássica. Tanto é que eu não sei como eu pude gostar de Roberto Carlos. Na época, o que era até uma coisa muito avançada, eu tinha televisão no meu quarto... E aí veio a Jovem Guarda. E todo mundo ficou fascinado com aquilo. Tudo muito jovem, muito colorido. Logo meu pai deu chilique - “Não pode, tem que ser música clássica. Manda tudo pro inferno... Isso é xingamento, não pode!”

No falsete carioquês de voz grossa a narrativa simula a tensão do contato com o pai militar mediado pela rara televisão no quarto numa época em que o aparelho de TV em si era raro no país (lembremos a fala de Ocenilda Santana ao responder quando entrou em contato com a obra do artista). Não vemos aqui justamente a singularidade do contato com a figura do artista e como nas narrativas dos colecionadores estabelecem suas idiossincrasias e as formas que encontraram\encontram para expressar memórias e tecer sentidos sobre o artista em suas vidas e na vida do país?

Algo que também destaco em outros trechos da narrativa de Vera Marchisiello: em vários momentos da entrevista referiu-se ao fato de ser uma “fã-colecionadora-sofredora” porque aprendeu tudo sozinha. Em 1981 foi das primeiras pessoas a trazer de fora do país um videocassete, quando, depois de muita batalha em dominar o aparelho, foi “*uma verdadeira festa passar a gravar os programas do artista*”. Depois o aprender a passar do vídeo para o DVD todo o material “*mais um outro sofrimento*”. E, hoje, o trabalho constante de formatar todo material recolhido em vídeos nas últimas três décadas para DVDs. Inclusive sendo esse material o que ela tem mais orgulho em dizer “*que possui tudo que saiu na TV sobre Roberto Carlos*”, afinal, “*e a imagem e som*”. Destaque neste sentido para os programas, para todos os Especiais de Fim de Ano da TV Globo desde 1974. Programas que segundo a entrevistada “*todo mundo se admira e pergunta: poxa vida e você tem todos eles, desde o primeiro?*” e, lembremos, como ela também gostar de narrar: “*em ótima qualidade tudo colorido.*” Ou seja: Vera Marchisiello se apresenta como “fã-sofredora” no sentido de ser pioneira no domínio de tecnologias. Mas é justamente isso que lhe permitiu montar, além de uma reunião de objetos físicos sobre o cantor, uma coleção de suas aparições na TV e cinema nas últimas cinco décadas criando um tipo de “museu de imagens e sons” sobre o artista, e se credenciando cada vez mais como a dona da maior “coleção de Roberto Carlos” a partir também dessa estratégia de montagem e realocação de textos e linguagens.

Ressalto, neste sentido, que nas narrativas dos colecionadores temos tanto vestígios do passado e desse contato com a Indústria Cultural, como importantes significações por parte dos militantes desse tempo vivido

e suas contradições, sendo que as coleções mediam as duas dimensões para esses fãs. A obra e a imagem de Roberto Carlos desempenham um papel preponderante na forma como através de suas narrativas fazem de seu tempo vivido um tempo humano historicamente compreensível e articulado culturalmente (RICOEUR, 1994; REIS, J. Carlos. 2005). Nas narrativas estabelecidas se destacam como os colecionadores ligaram-se aos produtos de Roberto Carlos e atuaram na sua ressignificação – onde o estabelecimento de coleções de objetos produzidos pela Indústria Cultural jogou um papel fundamental. Entrelaçam suas vivências do período e o contato com o artista: o tempo narrado nas entrevistas é justamente o que deve ser analisado no tocante como criam imagens sobre seu passado e o papel do artista. Evito a ideia de que os colecionadores são fenômenos secundários do artista percebendo a experiência concreta desses fãs em viverem o mito e quais os mecanismos utilizaram para isso. E tento entender como a experiência de narrar constitui a experiência desses colecionadores.

Narrativas de quem se dedicou durante anos a fio a reunir verdadeiras relíquias de seu herói predestinado. Narradores-colecionadores como Odival Limeira¹⁵ e Francisco Gadelha¹⁶ que montaram nas décadas de 1990 a 2000 o “Recanto do rei” – um sítio nos arredores de Fortaleza-CE dedicado a manutenção da memória do artista. Um espaço que possui uma réplica em tamanho real da casa em que o artista nasceu em Cachoeiro de Itapemirim; estátua e bustos reais; todos os discos e dezenas de fotos expostas nas paredes do recinto, réplicas de uma moto e um carro, usados em capas de discos do artista; o acervo de dvds, vinis (esses estampados em amplas paredes do sítio), shows em um estúdio de som. Odival Limeira e Francisco Gadelha são unânimes em ressaltar que se encantaram pela obra do artista nos anos 1960 e que o acompanham desde então reconhecendo sua capacidade estar “*sempre em evidencia*”, expressão usada diversas vezes, durante as entrevistas que fiz com cada um no “Recanto do rei”. Odival Limeira ressaltou as duas idas a Cachoeiro de Itapemirim, a primeira, durante a sua lua de mel, de carro nos anos 1970; a segunda nos anos 2000, depois da casa do cantor ter se tornado espaço cultural e que encantado resolveu pedir a sua “*equipe de construção*” para desenvolver um projeto que reproduzisse a casa em que Roberto Carlos nasceu, ali no seu “Recanto do Rei”.

Gadelha, apontado por Odival Limeira como seu braço-direito na organização do “Recanto do Rei”, narrou ser um colecionador desde a época da Jovem Guarda, comprando os primeiros discos, acompanhando o “*Rei da Juventude*” nos auditórios da Rede Record em São Paulo onde morou durante 30 anos desde os anos 1960. A euforia do programa Jovem guarda é relatada em sua narrativa, juntamente com os detalhes de sua

¹⁵ODIVAL LIMEIRA LIMA. Colecionador do cantor desde os anos 1960. Fundador e dono do “Recanto do Rei” – Memorial em um sítio de Fortaleza totalmente dedicado ao cantor e que possui vasto acervo de imagens, discos, dvds, etc além de ter uma réplica da casa onde o artista nasceu e morou até os 15 anos em Cachoeiro de Itapemirim-ES. Entrevista realizada dia 23/02/2013..

¹⁶FRANCISCO GADELHA. Colecionador do cantor desde os anos 1960. Auxiliou na montagem e gerencia as atividades do “Recanto do Rei” – Memorial em um sítio de Fortaleza totalmente dedicado ao cantor e que possui vasto acervo de imagens, discos, dvds, objetos etc. além de ter uma réplica da casa onde o artista nasceu e morou até os 15 anos em Cachoeiro de Itapemirim-ES. Entrevista realizada dia 23/02/2013 no “Recanto do Rei” em Fortaleza-CE.

coleção como “*a ausência doída do bonequinho da época da jovem guarda*” que por muito por pouco não foi parar em suas mãos. Ou quando falou do exemplar do disco raríssimo “Louco Por Você” que disse que jamais se desfaria dele por preço algum, “*fosse 10 mil reais ou mais*”, ou quando falou dos mecanismos de colecionar: “*saber que nunca se tem tudo, mas que nunca se desisti de ter...*”

Nos dois objetos da narrativa de Gadelha percebe-se justamente como os “colecionadores de Roberto Carlos” lidam com os produtos da Indústria Cultural, e seus marcos, e como possuem “sistemas classificatórios dentro dos quais os situamos, separamos, dividimos e hierarquizamos” (GONÇALVES, 2007:14) a serem pensados. Assim é que temos o LP “Louco por você”, primeiro disco do cantor lançado em 1961, nunca reeditado, hoje avaliado entre R\$3.000 a R\$5.000. Disco que geralmente é o objeto que todos os colecionadores respondem quando pergunto qual seria o objeto mais valioso de suas coleções sobre Roberto Carlos (ainda que os colecionadores separem o valor econômico de um material daquele objeto que lhe dá mais prazer – esse muitas vezes ligado a fatores subjetivos como, por exemplo, uma história emocionante por trás da obtenção de um dado material que finalmente chegou até seu devido lugar, pois “o destino mais importante de todo exemplar é o encontro com ele, o colecionador, com sua própria coleção. E não estou exagerando: para o colecionador autêntico a aquisição de um livro velho representa o seu renascimento.”) (BENJAMIN,1985: 229). E desta forma temos ainda a obsessão de Gadelha pelo “bonequinho da Jovem Guarda” – uma raridade como bem apontou e que remete a explosão comercial da época do programa e a comercialização de uma marca ligada ao cantor. O mesmo bonequinho que Vera Marchisello e Gersy Volpato fizeram questão de apresentar em suas entrevistas segurando com orgulho um exemplar dele em suas mãos...

MITOBIOGRAFIAS DE FÃS DE ROBERTO CARLOS: POR UMA ANÁLISE DOS SÚDITOS ATIVOS DE UM “REI”

As narrativas, portanto, são parte dos mecanismos de como os narradores-colecionadores se apresentam ao entrevistador e a sociedade em geral e não devem ser reduzidas a esquemas externos sem se compreender o papel das mesmas em apresentarem a própria trajetória do entrevistado e como entende o mito e sua relação com ele. Devemos debater como narrativas e experiências individuais lidaram com o coletivo, com o mito e seu imaginário, as narrativas como criações vivas de “mitobiografias” em que o coletivo e o individual se entrelaçam. Sendo que ao mesmo tempo em que podemos pensar balizas para a atuação individual pensamos também “desvios” e a criação de alternativas próprias dos sujeitos, no caso “súditos ativos” de um mito de um “Rei”:

“Eu sugiro que a necessidade essencial é seguir por perspectivas que permitem ao individual prevalecer sobre o coletivo. A análise deve ser invertida. Se voltarmos as nossas

historias de vida de 1968, veremos que os arquétipos estão presentes em todas elas, mas em caminhos únicos e diferentes. A história esta interessada precisamente em tais diferenças. Somente a partir destas diferenças podemos entender que o suicídio não era inevitável, nem no plano racional nem no imaginário. As pessoas podiam ter seguido outras direções, podiam ter decidido nutrir-se de outros mitos ou alterá-los, podiam ter optado por determinado mito de outra maneira. As historias de vida podem ser vistas como construções de mitobiografias singulares, usando opções de recursos diversos, que incluem mitos, combinando o novo e o antigo em expressões únicas. Creio que nós, adeptos da história oral, temos novamente chance especial, a de reverter velhos procedimentos e de não mais usar mitos do passado para ler o presente e sim usar o presente para reinterpretá-los. Não existem chaves universais. Ao contrario, a fechadura se transforma em chave e vice-versa. Este é o princípio de uma interpretação que opta por envolver-se na sua própria gênese” (PASSERINI, 1993: 39)

Ressalto que tais questões (interpretar como a Indústria Cultural e a imagem de Roberto Carlos baliza as narrativas e como as narrativas recriaram usos do mito do “Rei”) aparecem justamente para podermos vislumbrar outras vivências, outras leituras dessa realidade. E, para tanto, o reconhecimento das relações entre experiência, memória e narrativa são essenciais. Para isso não posso tratar algo fluido e histórico, as narrativas, como objetivas e absolutas. A própria problematização da Historiografia do período, portanto, deve ser feita tendo em vista observações de como os sujeitos que viveram o contexto da ditadura estabelecem ligações e visões distintas e singulares sobre o período. Porque se ligaram ao mito Roberto Carlos e não a outros tendo em vista que “as pessoas podiam ter seguido outras direções, podiam ter decidido nutrir-se de outros mitos ou alterá-los, podiam ter optado por determinado mito de outra maneira.”? Ou seja: porque se tornaram fãs de Roberto Carlos e não de outro artista do período?

Uma resposta fácil seria dizer que se tornaram fãs por conta da grande influência da “Indústria Cultural”. Mas perguntas podem ser formuladas: como a “indústria” convenceu as pessoas a se tornarem colecionadores do artista Roberto Carlos e porque existem fãs de formas diferentes? Creio que artista, indústria cultural e colecionadores foram se redefinindo de forma não linear através de complexas interações. Daí, portanto, opto por enxergar as histórias de vida dos colecionadores de Roberto Carlos “como construções de mitobiografias singulares, usando opções de recursos diversos, que incluem mitos, combinando o novo e o antigo em expressões únicas”. Nas narrativas aparecerem justamente essa combinação dos “eus” ao “Rei” Roberto Carlos, tanto no sentido de gerar expectativas e intenções próprias com o mito como quando Fabiano Cavalcante narra que os fãs têm expectativas entre si e com o “ídolo”: “*a primeira coisa que o fã do Roberto faz é se tornar colecionador, depois se torna freqüentador dos shows, depois quer receber uma rosa, depois quer ir ate o camarim tirar uma foto com ele... Aí fica faltando só uma coisa bicho: é ser amigo do Roberto Carlos, é o meu próximo degrau que não sei se eu vou chegar*”. Ou ainda como pela existência de atitudes e valores que se esperam que sejam veiculadas pelo “ídolo”: “*Se Roberto pisasse na bola num assunto sério, agisse de forma errada eu não seria mais fã dele quanto mais amiga dele como sou*” afirma Vera Marchisiello. A representação de uma “majestade” que soube honrar seu “reinado” também apareceu nas falas

de Odival Limeira e Francisco Gadelha quando disseram, ambos, que “*ele sempre soube ficar em evidencia*” mesmo depois “*de 50 anos de carreira*”, sendo “*um modelo, um exemplo*” sem “*entrar em escândalos*”.

Nas narrativas aparecem em plena “ação” as constituições de memórias sobre o mito Roberto Carlos a partir do ponto de vista e das experiências dos “narradores-colecionadores” e do que enxergam de valoroso e heroico em seu “rei”. Aparecem às próprias representações dos fãs em relação ao mito. Não é o que vemos com os indícios de conflitos entre os colecionadores nas narrativas que apontam para negociações sobre o que se deve falar ou não? Não estamos diante de narrativas que falam de um repertório de apropriações do mito e seus produtos pelos colecionadores? Muito mais do que uma submissão? Não estamos enxergando um processo de não apenas mão-dupla, mas de múltiplas mãos entre os vários colecionadores envolvidos?

Colecionadores que se tornaram um fenômeno social próprio, colados ao mito do “Rei” é verdade, mas também para além dele, sujeitos com seus interesses uma vez que as coleções estão vocacionadas para “o espaço publico” (MENESES, 1998:92), e, portanto, para as disputas simbólicas na sociedade e para a manipulação de linguagens como forma de se elaborar distinções e identidades. Colecionadores que realizaram deslocamentos, classificações, hierarquias de objetos na criação de formas de legitimação perante a sociedade. Fãs que buscaram (re) ligarem-se a obra de Roberto Carlos através da construção de memórias. Que têm nas suas coleções suas seleções e projeções pessoais em busca de se inserirem socialmente como “*admiradores de verdade*” do artista. Nas coleções temos tanto traços do processo histórico da fabricação do mito, que impôs balizas aos colecionadores, mas também temos os interesses de quem guardou tais objetos sendo que não se trata de “recompor um cenário material, mas de entender os artefatos na interação social” (MENESES, 1998:92) e nesse processo interpretar como os colecionadores usaram o mito a seu favor ao mesmo tempo em que o celebraram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar. Textos de Historia Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. AMORIM, M. ; BARBOSA, X. Performance e Objeto Biográfico: questões para a história oral de vida. *Oralidades* (USP), v. 2, p. 101-109, 2007.

BACZKO, Bronislaw. “*A imaginação social*” In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BENJAMIM, Walter. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

- BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CONDÉ, Mauro Leitão. (Org.). *Ciência, História e Teoria*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2005.
- GONÇALVES, José Reginaldo. *Antropologia dos Objetos: Coleções, Museus e Patrimônios*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 1995.
- MENESES, Ulpiano. Memória e Cultura Material In: *Estudos Históricos. Arquivos Pessoais*. Rio de Janeiro, vol 11, n 21, 1998. p89-104.
- PASSERINI, Luísa. Mitobiografia em História Oral. *Projeto História*. n. 10, dez. São Paulo: EDUC, 1993.
- POMIAN, Krzysztof. Coleção. In *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1984.
- PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 24 de junho de 1944): mito e político, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- RICOEUR, Paul. A Tríplice Mimese. In: *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1994.
- REIS, Jose Carlos. *Historia da Consciência Histórica Ocidental: Hegel Nietzsche Ricoeur*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- TEIXEIRA, Rosana da Câmara. *Krig-há, bandolo! Cuidado, ai vem Raul Seixas*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2008.